

MODALIDADES DE ESTÉTICA RELACIONAL NAS RUAS: O COLETIVO DE PERFORMANCE HEROIS DO COTIDIANO

Tania Alice Caplain Feix - UNIRIO

Resumo

O artigo aborda as performances realizadas pelo Coletivo de performance carioca "Heróis do Cotidiano", que investiga a possibilidade e as condições de surgimento e expansão do heroísmo na Contemporaneidade. Pela criação de micro-utopias temporárias e locais, o Coletivo realiza uma apropriação do espaço público, dialogando com os conceitos de "Estética Relacional" e de "Estética da Precariedade" propostos pelo crítico de arte Nicolas Bourriaud. Estabelecendo novas formas de sociabilidade e processos de subjetivação diferentes daqueles propostos pela *mass média* a respeito do herói, do heroísmo e das possibilidades de realização de um ativismo poético na sociedade contemporânea, o Coletivo trabalha dentro da perspectiva de construção de uma "cultura de paz" urbana, integrando processos artísticos e modalidades de produção anti-hegemônicas.

Palavras-chave: performance; intervenção urbana; ativismo; herói; cultura de paz.

Resume

Cet article s'intéresse aux performances du collectif carioca "Héros du Quotidien", lequel réalise une recherche quant aux possibilités et aux conditions d'apparition et d'expansion d'un héroïsme contemporain. En créant des micro-utopies temporaires et locales, le collectif s'approprie les espaces publics en établissant un dialogue avec les concepts d' "esthétique relationnelle" et d' "esthétique de la précarité" proposés par le critique d'art Nicolas Bourriaud. En créant de nouvelles formes de sociabilité et en mettant en place des processus de subjectivation différents de ceux proposés par les médias traditionnels quant au thème du héros et aux possibilités de réalisation d'un activisme poétique contemporain, le collectif œuvre dans la perspective de construction d'une "culture de paix", en essayant d'intégrer des processus de création artistique et des modalités de production anti-hégémoniques.

Mots-clés: performance; intervention urbaine; activisme; héros; culture de paix.

O que é um herói hoje? Ou, melhor, que tipo de discurso cria e constrói o que entendemos por herói hoje? Para pensar sobre este assunto, gostaria de tomar como ponto de partida o trabalho realizado pelo Coletivo de performance *Heróis do Cotidiano*, analisando as formas de atuação do Coletivo e a forma com a qual estas estabelecem uma reflexão sobre a questão da subversão dentro da sociedade contemporânea pelo viés da questão do herói. O Coletivo, composto por seis performers, ligados à UNIRIO (Jarbas Albuquerque, Larissa Siqueira, Ricardo Telles,

Marcelo Asth e Tania Alice) e à UFRJ (Gilson Moraes Motta), vem realizando, desde julho de 2009, performances nas ruas do Rio de Janeiro. Em novembro de 2009, o Coletivo ganhou o Prêmio da Funarte “Artes Cênicas nas Ruas”, consolidando assim uma pesquisa já iniciada anteriormente acerca da figura do herói na Contemporaneidadeⁱ. Mas, afinal das contas, o que é um herói na Pós-Modernidade, após o esgotamento e a queda das “Meta-Narrativas” (Lyotard) coletivas?ⁱⁱ Ainda existem heróis hoje em dia? Onde aparecem e quem são eles?

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), investiga e atualiza a questão do herói através da realização de performances e intervenções urbanas. Ele é uma continuidade do projeto de pesquisa anterior sobre a adaptação de clássicos na Contemporaneidade, que deu origem à pesquisa de Pós-Doutorado realizada em 2008 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) com auxílio do CNPq e supervisão do Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho e que resultou no livro *Performance.ensaio - (des)montando os clássicos*ⁱⁱⁱ, que trabalha a questão da estética teatral e performática contemporânea a partir de dez montagens de textos clássicos realizados no Brasil nos dez últimos anos. Desta vez, a idéia era investigar a atualização de um tema e não somente de um texto teatral. A partir desta vontade partilhada com amigos, criou-se um grupo maior que tinha por meta de investigar pela prática performática a questão do herói na Contemporaneidade. A primeira série de intervenções consistiu em descobrir o que era o herói através da realização de pequenas ações de ajuda em espaços públicos pelos performers vestidos de heróis: carregar compras, ceder lugar no ônibus, distribuir panfletos e fazer massagens nos vendedores ambulantes, abraçar e escutar pessoas carentes, entre outros. Rapidamente, percebeu-se que a figura do herói cristalizava relevantes problemáticas atuais e se apresentava como uma ferramenta fundamental para pensar a Contemporaneidade. Como sublinha Lucy Hughes-Hallet, no livro *Heróis - salvadores, traidores e super-homens*, “A idéia do herói não seria tão perturbadora emocionalmente e tão politicamente perigosa se não fosse tão potente” (2007:15). A crítica norte-americana explica esta potência pela capacidade de insubordinação, inerente ao herói, ressaltando ainda que “a natureza e a função do herói se modificam juntamente com a mentalidade da cultura que o produz, bem como as qualidades atribuídas ao herói, os feitos que se esperam dele e seu lugar nas estruturas política e social como um todo” (2007:20). Nesse sentido, o herói sempre

surge em épocas ou momentos de crise. Por exemplo, no dia após o 11 de setembro de 2001, momento de crise para os norte-americanos, um grupo de pessoas segurava nas ruínas do *World Trade Center* uma faixa onde estava escrito: "*We need heroes now*". Da mesma forma, "*I need a hero*" de Bonnie Tyler é coreografado nas prisões da Tailândia após insurreições^{iv}... A necessidade de heróis surge a partir de uma carência, uma desestabilização consciente ou inconsciente vivida por um coletivo. Por quê a simples ação de ajuda suscita tal entusiasmo por parte da população especificamente aqui, no Brasil? Este herói que aparecia nesta série de performances fornecendo ajuda nas pequenas tarefas do dia-dia - se apresenta como um remédio a que tipo de problemas?

Sabemos que no contexto do "globalitarismo" (Milton Santos) atual, mais ainda na América Latina, dominada pelas estruturas da economia neo-liberal imposta pelas grandes corporações internacionais, é exigido um perpétuo sacrifício das vidas particulares em prol da produtividade econômica, o que implica valores como o esforço pessoal para superar desafios, competitividade e aceitação das desigualdades sociais. Assim, hoje em dia, sabe-se que denominamos como "heróis do cotidiano" todas as pessoas que lutam contra preconceitos, passam por dificuldades econômicas e sobrevivem à custa de grandes precariedades, sacrificando seus sonhos e suas individualidades para realizar um determinado projeto com esforço e sacrifício. Estes processos de subjetivação gerados pela lógica do capital conduzem a assimilação, por parte da população, destes valores. No discurso veiculado pela mídia e as empresas, o "herói" vira então "este que mantém a ordem vigente" e não o que busca alternativas, resistências, linhas de fuga. A identificação imediata da população com essa imagem do herói, amplamente divulgada e confortada pela *mass media*, é certamente um dos motivos que tende a conduzir à recepção, (quase) sempre carinhosa, da Liga; de forma paradoxal, esta recepção traduz uma crise de valores, visto que aquelas condutas que deveriam ser qualificadas simplesmente como normais (como a solidariedade, o esforço e a disciplina, a abordagem criativa, o engajamento e o comprometimento), passam a ser vistas como ações extra-ordinárias e heróicas, provocando admiração e entusiasmo por parte da população. Um herói cedendo o lugar no ônibus ou restabelecendo bom-humor e respeito do outro dentro de um vagão de metrô lotado provocam sorriso e compaixão, devido a conscientização súbita dos mecanismos

corporais e sociais assimilados - conforme o explicita Bergson em suas teorias sobre o riso enquanto quebra da mecanicidade. Gera-se então a consciência de que estes nossos mecanismos são orientados em função de uma visão do mundo baseada na lógica da separação: como se o "eu" fosse separado de um conjunto e que todos não fossem, afinal das contas, da mesma natureza^v. Para Campbell, importante pesquisador da temática herói, "*a moderna tarefa do herói deve configurar-se justamente como uma busca destinada a trazer outra vez a luz a Atlântida perdida da alma coordenada*" (1949: 373). Existe então o paradoxo entre o discurso do herói veiculado pela mídia (aquele que mantêm a ordem vigente) e o herói que busca outras modalidades e formas de transcendência.

A partir destas primeiras constatações, sentimos a necessidade de investigar e escutar o que as pessoas de fato entendiam por "herói". Elaboramos um questionário, cuja finalidade era entender o que tal idéia evoca no imaginário coletivo e, aproveitando a oportunidade, medir o grau de heroísmo da população carioca e realizar uma comparação entre bairros. Os habitantes da Zona Sul seriam eles mais ou menos heróicos do que os habitantes da periferia, do Centro, das favelas ou do subúrbio? Partimos com uma câmera na mão, gravadores e questionários debaixo do braço. Sabe-se que a mídia estimula as formas de reconhecimento do esforço pessoal como meio de ascensão social; os grupos empresariais valorizam a intensa produtividade como atitude heróica; ao mesmo tempo, é realizado um constante incentivo às ações solidárias e o estímulo à criatividade enquanto modos de superação das dificuldades do cotidiano, ultimamente mais ainda reunidas pelo *leitmotiv* politicamente correto de "sustentabilidade" e "ação social". Assim, o discurso inicial de superação do herói é recuperado por empresas que estipulam que ser herói é se adequar ao profissional que segue o *american way of life* e sobe na escada da ascensão social. Além disso, a literatura de auto-ajuda também se apropriou do tema, reforçando esta ideologia neoliberal. É considerado herói pela coletividade quem se sacrifica em prol da produtividade, como o mostra por exemplo de forma irônica o trabalho de Dulce Pinzon no projeto *Superheroes* que fotografa imigrantes mexicanos nos Estados-Unidos com roupas de Super-heróis^{vi}. Sacrificando vida e tempo para poder enviar dinheiro à suas famílias, os heróis são estes que sacrificam suas vidas em prol de valores que não escolheram. Desta forma, 80% dos entrevistados se consideravam heróis do cotidiano, integrando e

assimilando este discurso da mídia. As respostas, de uma forma geral, foram extremamente variadas e comoventes, pois eram elaboradas a partir das narrativas individuais de vida, geradas a partir destes valores dominantes^{vii}.

Retomando agora um pouco de distância em relação a estas vivências performáticas, e pensando especificamente a questão do herói, gostaria de ressaltar que a arte, certamente, constitui um dos últimos bastiões de resistência a este pensamento dominante veiculado pela *mass mídia*. E isto, mais ainda quando pensamos em um país que transforma diariamente a cultura em objeto de consumo e de diversão, seja pela construção sempre mais freqüente de teatros em shoppings, seja pela lógica do sistema de patrocínio das empresas, necessário à realização de um projeto artístico, lógica que tende a patrocinar “o que vai dar certo”, sabendo que “certo” pode aqui ser substituído por “dinheiro”. A própria figura do herói foi submetida a este pensamento globalizante. Isso é visível nos mais diversificados meios de comunicação, onde o herói está presente de maneira crescente no cinema, em obras literárias, em sites da Internet, em desfiles de moda e até no Carnaval^{viii}, em campanhas publicitárias governamentais e em empresas privadas. O tema do herói está diretamente relacionado à cultura de massa, na medida em que ele remete ao universo das histórias em quadrinhos, do cinema e da televisão, meios estes onde ele representa um ser dotado de poderes especiais, capaz de resolver grandes problemas da sociedade. Destaca-se neste sentido um movimento norte-americano intitulado *Real Life Super Heroes*, que reúne várias pessoas pelo mundo, que se vestem de Super-heróis e intervêm na sociedade realizando ações de ativismo ecológico, cultural, social ou lutam contra a criminalidade em seus bairros de residência. O tema do herói constitui então um forte apelo no imaginário da sociedade, propiciando relações de identificação imediata, facilitando processos interativos, que estabelecem o próprio processo relacional como obra, no contexto do que Nicolas Bourriaud, baseado em Rikrit Tiravanija, chama de “Estética Relacional”. “No quadro de uma teoria relacionista da arte, a inter-subjetividade não representa apenas o quadro social da recepção da arte, que constitui seu meio, seu campo, mas se torna a própria essência da prática artística” (1998:31). O que importa não é a obra pronta, mas os processos de relação que ela ativa. Neste sentido, o herói é aquele que cria e recria vínculos que foram perdidos pelos processos de subjetivação gerados pela lógica capitalista.

Esta constatação e a pesquisa mais aprofundada das teorias de Bourriaud foi o ponto de partida para a elaboração da terceira série de ações dos Heróis, que consistiu na atualização do questionamento do herói diante de heróis consagrados pela História do Brasil. Para atualizar este questionamento, o Coletivo resolveu se infiltrar na Parada Militar do 7 de setembro do ano de 2009 – ação curta, esta, porque os policiais intervieram com rapidez para tirá-los de lá, e os heróis desfilaram então de volta, em sentido invertido, sob os aplausos da população, que se misturavam ao discurso oficial transmitido via alto-falante e que celebrava os “heróis da pátria”, versus os “heróis do cotidiano”, estes celebrados pela população, que se identificava a eles. A partir do apelo e eco importante desta intervenção, começamos a desenvolver o trabalho em cima de estátuas de heróis nacionais e internacionais - entrando no campo definido por Paul Ardenne de “arte contextual”¹, *site specific* que também é um *time specific* - partindo para a rua com baldes, escovas e detergente para dar uma faxina nos heróis da pátria, tornando-os visíveis e fazendo-os aparecer, já que, na maior parte das vezes, a população ignora quem é o herói da própria praça onde mora e onde a estátua serve simplesmente de suporte para pombos. Percebemos que há, por trás do herói, uma negociação política, que faz o herói aceder ou não ao “Panteão do Herói Nacional”, ou ter acesso a praças, nomes de ruas ou estações de metrô. Em outras palavras: dinheiro compra a imortalidade, e é a atualização deste debate que as intervenções sobre as estátuas podem gerar. Nessa ação, visível no documentário, pode se ver como é realizada a tentativa de recriar um vínculo entre os transeuntes e a cidade, dentro de um contexto onde o “*flâneur*” benjaminiano tende a desaparecer, para ceder lugar a uma multidão apressada, lutando pela sobrevivência diária, com um comportamento considerado como “heróico” pelo discurso da *mass media*. Neste sentido, as performances se constituem como uma prática política de restauração de vínculos, que vai contra o que Debord e a Internacional Situacionista chamavam de espetacularização constate da vida, que conduz a um afastamento sempre maior entre a pessoa e sua própria vida, gerando a impressão que ela não pode interferir no espetáculo da vida política, social e até pessoal. As performances, que remetem a este campo da Estética Relacional, com a qual a Liga de Heróis opera, além de questionar estes processos, os coloca no centro e no cerne do próprio trabalho artístico.

O restabelecimento de vínculo entre transeunte e cidade nos conduziu a querer, em seguida, aprofundar a questão dos vínculos inter-pessoais. Para isto, elaboramos as performances *Soltando preocupações*^{ix} e *O Banquete dos Heróis*^x. A performance *Soltando preocupações*, realizada na Favela Dona Marta, no Rio de Janeiro, consistia em enviar para o ar as preocupações dos habitantes. Para isto, os Heróis compraram cerca de 300 balões de hélio e levaram estes balões até a comunidade. Lá, os Heróis conversaram com os moradores, que expunham em pequenos papéis individualmente para cada Herói as dificuldades que eles gostariam de enviar para o espaço. Uma vez que a preocupação tinha sido anotada no papel, ela era amarrada a um balão. Quando a preocupação era individual, ela era soltada pelo próprio morador. As preocupações coletivas (com moradia, poluição, dificuldades econômicas, etc.) eram soltadas pelo conjunto dos moradores e Heróis no final da performance. O heroísmo era então apontado como uma preocupação coletiva. A performance *O Banquete dos Heróis* também desloca o campo de ação do heroísmo para o campo afetivo e relacional. Realizada na Praia de Copacabana em junho de 2010 e em São Paulo, na Mostra SESC de Artes, em novembro de 2010, nas unidades do SESC Carmo, Pinheiros e Ipiranga, a performance consistia em montar um Banquete em uma mesa em lugares insólitos (debaixo de pontes, praia, praças públicas...). Na ação, os transeuntes podiam participar do Banquete - atualização do Banquete de Platão - com a condição de falar de amor com os Heróis. Eram assim geradas trocas inter-subjetivas reais em espaços urbanos inusitados, que iam propondo uma lógica diferenciada de uso para o espaço público, realizando o que Michel de Certeau denomina a "invenção do cotidiano". A especificidade desta performance consiste em ressaltar que, da mesma forma que a reflexão dos filósofos no *Banquete* de Platão, há mais de 2500 anos, ainda pode ser útil hoje em dia, os depoimentos filmados das pessoas devem ser úteis daqui a 2500 anos para as gerações a seguir. Iniciava-se então uma troca de experiências, idéias e reflexões sobre o amor, conduzidas pelo Coletivo. Em uma experiência realizada no Largo São Francisco, em São Paulo, grande parte dos participantes do Banquete eram mendigos (para não usar o politicamente correto "moradores de rua"), que chegavam a mesa com intuito de comer. Foi interessante observar como, em dado momento, diante da fala de uma jovem mulher, Vanessa, cujo marido foi esfaqueado na rua, a atenção coletiva se voltou para ela. Foi realizada uma "energizada coletiva" da

participante do Banquete, com participação de todos os convidados do Banquete, que, além da experiência de comer tranquilamente, sendo servidos pelos heróis, podiam falar de um assunto relegado ao segundo plano diante das necessidades de sobrevivência diária, onde cada um é condenado a lutar por si mesmo e sua própria sobrevivência e voltar sua atenção para o outro. Podemos constatar então que nos encontramos então diante do que Nicolas Bourriaud denomina em *Radical* "Estética da Solidariedade", e que vai para além da "Estética Relacional". "A arte atua em cima de nossa percepção da realidade social. A arte contemporânea transforma tudo que toca em algo precário: este é seu fundamento ontológico. Trabalhando a partir de elementos que compõem nosso dia-dia e transformando-os no próprio material das obras, os artistas revelam a dimensão arbitrária, convencional e ideológica destes materiais." (2009:115). Este foi igualmente o ponto de partida de outra ação, denominada *Poder da Invisibilidade*, na qual os heróis se deitam ao lado de mendigos, na mesma posição, chamando a atenção sobre esta questão que se tornou um fato invisível do cotidiano - fato este que chegou até a chamar a atenção de Ana Maria Braga, que realizou uma matéria sobre esta ação no Programa "Mais você", na Globo^{xi}, bem como da CNN Internacional^{xii}, gerando assim visibilidade em cima de um fenômeno sempre mais banalizado. Citando mais uma vez Nicolas Bourriaud: "Se a arte contemporânea tem um projeto político coerente, é exatamente este: carregar a precariedade para o centro do sistema de representações, pelo qual o poder gera comportamentos, enfraquecendo assim este sistema, dando aos hábitos mais comuns a aparência de um ritual exótico" (2009:116). O heroísmo se torna visível.

Dando continuidade à pesquisa, a temática da estética relacional e do ativismo poético foi o foco de um curso ministrado pelo Coletivo no Departamento de Interpretação da UNIRIO, sob minha coordenação e intitulado "Treinamento para o performer: ativismo poético". Nesta experiência compartilhada, queríamos questionar a questão da atuação política do herói em espaços urbanos e ver qual tipo de treinamento específico poderia ser útil para tal fim. Iniciamos com nosso treinamento habitual, com base na meditação budista e na técnica dos *view point* em um primeiro semestre de treinamento, e em seguida, partimos para a prática das performances, realizando no total três intervenções, que investigavam a questão do heroísmo discreto e da resistência. *Rio Branco* foi o nome da primeira intervenção urbana que

foi realizada no dia 20 de setembro às 8:30 horas da manhã, nas ruas do centro da cidade, partindo do MAM e atravessando a cidade até a Rio Branco e a Cinelândia, passando pela Praça XV. Nesta intervenção, que aconteceu durante a Semana Nacional sem carro, cerca de 30 performers desfilaram de bicicleta, vestidos de branco e caracterizados como seres extra-ordinários concebidos e realizados por cada um dos performers. O desfile teve por meta de tornar o ciclista visível num trânsito que muitas vezes se organiza de forma a ignorá-lo. O branco, por si, visou a criar um fluxo branco dentro da avenida Rio Branco, transmitindo ao mesmo tempo paz, serenidade e poesia dentro do caos ambiente. Inserindo o elemento imaginário e poético no cotidiano, os seres extra-ordinários fizeram ações sobre bicicletas em alguns dos principais cruzamentos da avenida, alertando para a necessidade de uma maior utilização de bicicletas como forma de transporte alternativo, não poluente, saudável e que contribui para resolver os problemas do trânsito nas grandes cidades, além de propor uma temporalidade diferente para as relações humanas que, no trânsito, são tantas vezes marcadas pelo desrespeito e violência. *Rio Branco* foi uma ação que buscou evidenciar o ciclista em um espaço que não é próprio para ele, criando linhas de fuga para além do espaço urbano funcionalizado, condensado e voltado para os automobilistas. Logo em seguida, a segunda performance teve por foco a questão da desigualdade social e teve por título *Salvem os Ricos*. Realizada no dia 25 de outubro, nas ruas do Leblon, partindo do Restaurante Garcia & Rodrigues às 9:00 em pequenos grupos, com um encontro marcado na Praça Antero de Quental às 10:00 para a Grande Manifestação dos Ricos, a performance se estendeu até o shopping Leblon. Nesta intervenção, que aconteceu cinco dias antes do segundo turno das eleições para Presidente, os performers, vestidos com roupas que transmitiam uma ideia de riqueza, desfilaram reivindicando questões tradicionalmente associadas às preocupações de ricos, como segurança e preservação do patrimônio, entre outros, lançando um olhar irônico sobre a falta de preocupação de determinados grupos a lutar contra a questão da desigualdade social. Munidos de cartazes e faixas como "Praias da Zona Sul, só para moradores e turistas" ou "Fome é coisa de pobre, diga sim à degustação", "Bolsa Família não - Bolsa Louis Vuitton!" ou ainda "Sonegar não é crime: não usamos serviços públicos", os performers estabeleceram um diálogo irônico com os moradores e os convidavam para participar da manifestação. No final da ação, os cartazes permaneceram em alguns pontos estratégicos do Leblon. Partindo de um

conceito de "Manifestações de direita", desenvolvido pelos franceses Fred Tusch e Philippe Nicolle e do qual muitos coletivos e artistas de rua se apropriaram, a performance *Salvem os Ricos* buscou provocar uma reflexão sobre o egoísmo social de certas reivindicações antes do dia crucial das eleições, mantendo uma ambigüidade constante sobre a veracidade de tais reivindicações. O último experimento das investigações performáticas ligadas à questão do heroísmo discreto foi a performance *(DO)ação*, que ocorreu no dia 29 de novembro as 9:00 no Largo do Machado, consistiu em coletar, reunir e doar objetos (livros, roupas, CDs, utensílios domésticos, entre outros) que não foram utilizados há mais de 3 meses. No dia da performance, estes objetos foram reunidos pelos performers em cima de uma grande toalha vermelha, no Largo do Machado, no Rio de Janeiro. Os transeuntes podiam levar os objetos gratuitamente, com a condição de prestar um depoimento diante da câmera, respondendo à pergunta: "Por quê você precisa realmente deste objeto?". Os depoimentos foram, em seguida, editados, gerando um vídeo que aborda a questão do consumismo. Além dos objetos, performers-objetos ficaram disponíveis ao lado dos objetos para oferecer atenção, carinho, música, massagem e conselhos, respondendo às necessidades reais e inventadas dos transeuntes. Mais uma vez, o heroísmo revelou-se como um algo simples, longe do discurso da indústria sobre o super-herói, mas revelando a formatação inerente à este tipo de discurso, gerado por uma sociedade que precisa justificar-se a cada instante das aberrações sociais e ecológicas que ela comete para poder continuar a se sustentar.

Concluindo, percebemos que o propósito central das ações performáticas consiste, de um lado, em questionar esse ideal de heroísmo que vem sendo divulgado pelos meios de comunicação e, de outro, buscar reconhecer aquelas que, na opinião de uma parcela da população, seriam as ações autenticamente heróicas na atualidade, sempre voltados para o que Bourriaud denomina "Estética da Solidariedade", que aprofunda o conceito de Estética Relacional. Neste sentido, como o expressa Deleuze, a arte se torna um captador de forças tornadas visíveis, potencializando afetos e novas formas de organização inter-subjetivas, apontando para a urgência do fazer artístico hoje. Então, pode ser interessante lembrar um provérbio tibetano que diz: "Orientar suas vidas em função de riqueza, dinheiro e poder é a mesma coisa do que dar palha de comida à um tigre": uma maneira de

lembrar que a arte tem mais atribuições do que estas atribuídas pelo mundo espetacularizado, este mesmo mundo que ela pretende, paradoxalmente, criticar.

NOTAS

ⁱ Durante suas pesquisas, o Coletivo participou, entre outros, da *Semana de Arquitetura e Urbanismo* (PUC Rio de Janeiro, 10-2010), do *Fórum Cidade Criativa* (Rio de Janeiro, 10-2010), da *Mostra internacional de Artes* (SESC São Paulo, 11-2010), do evento *Livro à Bolonhesa* (SESC Rio de Janeiro, 12-2011), do *Encontro Interdisciplinar de Artes* (Centro Cultural São Paulo, 01-2011), da Mostra de Artes do SESC São Paulo (11/2011), de Mostras de vídeo em Brasília, São Paulo e no Rio de Janeiro e do Congresso Internacional de Arte Contemporânea em Marseille, França.

ⁱⁱ A idéia da queda das Meta-Narrativas como momento de passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade é desenvolvida por Jean-François Lyotard em seu ensaio *A condição pós-moderna*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ⁱⁱⁱ Este livro foi publicado com o auxílio da FAPERJ pela Editora Confraria do Vento em 2010.

^{iv} Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=fDdPuCsOLaQ>. Último acesso: 07/08/2010

^v Esta idéia, que tem por base a teoria da inseparabilidade do budismo tibetano, é inclusive o foco de uma ação dos Heróis, que consiste a organizar mensalmente uma meditação em praças públicas, tentando incentivar a junção corpo/mente e o "parar" em lugares inusitados.

^{vi} Cf. o site de Dulce Pinzon: <http://www.dulcepinzon.com/superheroes.htm>. Último acesso: 07/08/2010.

^{vii} Grande parte das ações realizadas pelo Coletivo podem ser vistas no documentário realizado por Antônio Pessoa no link http://www.youtube.com/watch?v=H6eW1L_pku4 (versão curta).

^{viii} O desfile de 2010 da Escola de Samba Unidos da Tijuca, organizado por Paulo Barros, contava com a presença de Super-heróis no desfile.

^{ix} O documentário sobre esta ação, dirigido por Antônio Pessoa, está disponível no link seguinte, com legenda em inglês:

http://www.youtube.com/watch?v=H6eW1L_pku4

^x Esta performance pode ser vista no link: <http://www.youtube.com/watch?v=460lomz6Gr0>

^{xi} Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=aveA5LKeels>

^{xii} Cf. http://www.youtube.com/watch?v=sB7R_sD06tQ&feature=related

Referências bibliográficas

ALICE, Tania. **Performance.ensaio - (des)montando os clássicos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2010.

ARDENNE, Paul. **Un art contextuel - Création artistique en milieu urbain, en situation d'intervention, de participation**. Paris: Flammarion, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos. Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURRIAUD, Nicolas. **Esthétique relationnelle**. Dijon: Les Presses du réel, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicant - Pour une esthétique de la globalisation**, Paris, Denoël, 2009.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Editora Cultrix, 1949.

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien**. Gallimard: Folio Essais, 1990.

DELEUZE e GUATTARI. **Mille plateaux**. Paris: Editions de Minuit, 1980.

HOFFMANN, Jens e JONAS, **Action**. Joan. Londres: Thames e Hudson, 2005.

HUGHES-HALLET, Lucy. **Heróis - salvadores, traidores e super-homens**, Rio de Janeiro, Editora Record, 2007.

GUILLEBAUD, Jean. **Le principe d'humanité**. Paris: Seuil, 2001.

LYOTARD, Jean-François. **La Condition Postmoderne**. Paris: Editions de Minuit, 1979.

PORTE, Sébastien e CAVALIE, Cyril. **Un nouvel art de militer**. Paris: Editions Alternatives, 2009.

Tania Alice é performer, diretora teatral, escritora, doutora em Letras e Artes pela Université de Provence, Aix-Marseille I (França) e professora da Graduação e da Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Junto com o Prof. Dr. Gilson Motta (UFRJ), é diretora de pesquisa e diretora artística do Coletivo Heróis do Cotidiano, que participou de vários eventos artísticos nacionais e internacionais.